

---

## **Elas vão passar e ninguém mais vai dar risada: representação trans e travesti no “Amor & Sexo”<sup>1</sup>**

Iluska COUTINHO<sup>2</sup>

Breno MOTTA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **Resumo**

A representatividade trans e travesti tem sido foco de estudos na contemporaneidade a partir do olhar das ciências humanas e sociais. A proposta do artigo é compreender em que medida a presença de corpos trans e travestis em cena teria influenciado mudanças na forma de tratar as temáticas LGBTQIA+ em um programa de TV. O objeto empírico são três edições da atração de entretenimento “Amor & Sexo”, veiculadas pela TV Globo nos anos de 2011, 2017 e 2018. Por meio da Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), método proposto por Iluska Coutinho (2016), busca-se responder se tais presenças na tela assumem devidamente seu lugar de fala. A análise também se ancora na dramaturgia televisiva e tem como personagem fundamental a atriz, compositora, cantora e ativista Linn da Quebrada, bicha, preta, periférica, travesti e transviada.

### **Palavras-chave**

Televisão; Amor & Sexo; Trans; Travesti; Linn da Quebrada.

### **1. Introdução**

Em 2020, foram comemorados os 70 anos da chegada da televisão no Brasil e o objetivo da análise aqui proposta é a identificação de elementos que contribuam para a testagem empírica sobre a resignificação do olhar de um produto televisivo para as questões relacionadas à orientação sexual e de identidade de gênero, discussão pulsante e necessária para uma formatação mais diversa da televisão aberta brasileira, que possa contribuir para novos modelos que aliem a informação ao entretenimento.

Referência no estudo de gêneros e formatos televisivos, José Carlos Aronchi de Souza aponta que o Brasil é o país “que mais produz e comercializa programas no mundo” (2004, p. 24). Todavia, considerando ser onde mais se mata homossexuais, travestis e transexuais,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, no XXI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação Social, docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) – UFJF e coordenadora do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA). E-mail: [iluska.coutinho@ufjf.br](mailto:iluska.coutinho@ufjf.br).

<sup>3</sup> Mestrando em Comunicação pela UFJF. Bolsista da CAPES. Membro do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA). Email: [breno.motta@estudante.ufjf.br](mailto:breno.motta@estudante.ufjf.br).

---

segundo dados de pesquisa realizada em 2018 pelo Grupo Gay da Bahia (GBG)<sup>4</sup>, é preciso refletir sobre o papel de grandes empresas privadas como a TV Globo, que se dedicam há décadas aos meios de comunicação mais rentáveis e de maior influência, na difusão de informação sobre corpos transexuais, transgêneros e travestis. Afinal de contas, na América Latina, a televisão aberta consegue uma “intensa penetração na vida familiar” e se converte como principal organizador do entretenimento e informação das massas (CANCLINI, 1997, p. 209).

Este artigo apresenta o desenho preliminar de pesquisa de mestrado que tem como foco tensionar os debates envolvendo pautas LGBTQIA+ levados ao ar no programa “Amor & Sexo”, buscando identificar eventuais transformações em tela por meio da análise de episódios veiculados em três anos: 2011, 2017 e 2018. As escolhas acadêmicas têm uma origem que deve ser conhecida, visto que “(...) o interesse por um assunto, um tema ou uma questão não surge do vácuo. Ele é fruto de uma história de vida, de experiências profissionais, intelectuais, construídas mediante caminhos próprios, dos valores e escolhas que nos definem” (SANTELLA, 2006, p. 164). Para além da experiência profissional de um dos autores como assistente de palco do programa “Amor & Sexo”, ao longo de seis temporadas, também é a partir da vivência LGBTQIA+ do mesmo que o recorte é escolhido. Coutinho recorre a Roland Barthes (2003), que usava o termo “mergulhia”, para relacionar o acúmulo ou o depósito de experiências que serviriam para o muito do que era produzido na construção de relatos sobre produtos audiovisuais telejornalísticos até o início do século XXI, com profissionais da área compartilhando suas vivências (2018, p. 178).

Assim sendo, a partir do mergulho profissional de um dos autores deste artigo no que se tornou objeto de estudo na academia, analisa-se um programa de entretenimento, no formato auditório, exibido pela TV Globo, uma das maiores emissoras abertas do mundo. Como produto audiovisual, “Amor & Sexo” nasce da dialética que seu próprio título anuncia. Afinal, essas duas palavras representam instituições sociais, sendo aqui importante a concepção proposta por Peter L. Berger e Thomas Luckmann, no que diz respeito à instituição como controladora do comportamento humano, “estabelecendo padrões previamente

---

<sup>4</sup> O Grupo Gay da Bahia realiza anualmente relatório em que detalha a quantidade de membros da comunidade LGBTQIA+ que morrem em consequência da homofobia e transfobia. No ano de 2018, foram 420 mortes registradas, sendo 320 por homicídios e 100 por suicídios. Segundo o relatório daquele ano, houve uma pequena redução de 6% em relação à 2017, quando registraram-se 445 mortes. Os números assustam, devido aos dados ascendentes. A título de exemplo, em 2010, foram 130 homicídios. Chegamos ao final desta década com 1 LGBTQIA+ morto a cada 20 horas, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/03/relatorio-2018.pdf>>. Acesso: 28 jul. 2021.

---

definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis” (1985, p. 79-80).

Na atração televisiva analisada neste texto, a promessa das discussões propostas era justamente tensionar as instituições “Amor” e “Sexo”, desmistificando tabus, preconceitos e concepções de uma sociedade que, de maneira normativa e quase sempre binária, relaciona o amor à pureza, à ingenuidade, aos sentimentos verdadeiros e o sexo ao obscuro, ao indizível, à perversão. Ao dar protagonismo a personagens LGBTQIA+, a corpos que são invisibilizados por um sistema machista, homofóbico e transfóbico, o programa assume, sobretudo a partir do ano de 2017, o que Elizabeth Duarte e Vanessa Curvello chamam de “caráter interpelativo” (2009, p. 69).

Entende-se que interpelar é inquirir, questionar, intimar. Por meio de um produto televisivo que tinha em sua gênese o humor e o entretenimento, realizadores do programa promovem a reestruturação de suas pautas, inserindo vozes que intimam a sociedade a olhar para corpos trans e travestis sob outra angulação. Personagens como a atriz, compositora, cantora e ativista Linn da Quebrada passam a compor o grupo de “atores discursivos” (DUARTE e CURVELLO, 2009, p. 63) convidadas pela atração. No estudo, avalia-se a materialidade discursiva dessas participações, buscando apontar de que forma as pautas identitárias, em seu papel particular dentro do campo político (BOURDIEU, 1989, p. 37), serviram à atração televisiva.

## **2. O gênero entretenimento e seus componentes**

O programa “Amor & Sexo” foi ao ar durante nove anos e contou com onze temporadas, compostas por uma média de dez episódios cada. Como produto televisivo, cujo gênero definidor é o entretenimento, o humor e a participação de convidadas debatendo os mais variados temas fizeram parte da trajetória da atração, comandada desde a sua estreia pela ex-modelo e atriz Fernanda Lima, que também é uma das responsáveis pela criação de tal projeto televisivo e pela assinatura de seu roteiro.

Em suas primeiras temporadas, entre 2009 e 2012, “Amor & Sexo” era composto por reportagens gravadas em ambientes externos. Porém, um dos quadros produzidos inteiramente em estúdio é o chamado “Vai ter que rebolar”, que tem sua estreia em 14 de julho de 2011. Nele, o ator Nelson Freitas gira uma roleta com as denominações "lésbicas", "gays", "bissexuais", "transexuais", "travestis", "intersexuais" e "simpatizantes", cujas iniciais

formavam a sigla LGBTTIS<sup>5</sup>. Cada palavra define uma situação hipotética vivida por um membro componente da sigla e o modo como o humorista deve responder às perguntas feitas por Fernanda Lima, sendo posteriormente avaliado por convidadas de cada edição; na estreia do quadro, as atrizes Juliana Paes e Rogéria (1943-2017) e o diretor de TV Jorge Fernando (1955-2019).

Philippe Descola, em “Outras naturezas, outras culturas” (2016), aponta questionamentos que foram tomados como referência para a reflexão acerca da inserção de tais personagens na atração global no que se refere à representatividade e diversidade de componentes. Desde a sua primeira temporada, em 2009, o programa apresentou temáticas relacionadas ao universo LGBTQIA+. Contudo, a partir de que perspectiva tais pautas eram apresentadas? Descola avalia que “na tentativa de se identificar com os que têm um modo de existência distinto do seu para compreendê-los melhor, (...), você será necessariamente levado, por contraste, a questionar a evidência dos hábitos de vida de sua própria comunidade” (2016, p. 10).

Assim, é importante pensar nos atores e atrizes que personificam os debates na atração tomada como recorte empírico inicial (14 jul. 2011): Nelson Freitas, homem cis hetero; Juliana Paes, mulher cis hetero; Jorge Fernando, homem cis gay; e Rogéria, travesti e transformista<sup>6</sup>. Nas atrações televisivas ditas de entretenimento, “o público é frequentemente convidado a participar do programa”, a audiência ali presente é convidada a “mostrar alegria, animação, interesse, podendo cantar, dançar e dar opinião, sempre instigada pela figura do apresentador” (SOUZA, 2004, p. 94). A alegria, de fato, está presente, mesmo porque Nelson Freitas também é humorista, bem como o eram Jorge Fernando e Rogéria. Todos os elementos que compõem o gênero entretenimento estavam devidamente apresentados aos olhos do(a) espectador(a).

Nelson Freitas, convidado e convidadas adentram o palco ao som da música “Paula e Bebeto”, de Milton Nascimento (“Qualquer maneira de amor vale a pena, qualquer maneira de amor valerá”) e a primeira pergunta feita por Fernanda Lima é: “Qual sigla é a que melhor representa os movimentos homossexuais?”. Nem Rogéria, nem Jorge Fernando sabem responder. É quando ganha destaque Bárbara Aires, militante transexual, que foi presidente da

<sup>5</sup> LGBTTIS é uma sigla mais utilizada em meados da década de 2010, o que é evidenciado pelo episódio analisado, datado do ano de 2011. No restante do trabalho, opta-se pelo uso de LGBTQIA+, que representa lésbicas, gays, transgêneros, transexuais e travestis, *queers*, intersexos, assexuais, agêneros ou aromânticos, com o símbolo +, adicionado para incluir qualquer outra minoria relacionada que não tenha sido representada pelas outras iniciais.

<sup>6</sup> O termo transformista refere-se ao indivíduo que se veste com roupas do gênero oposto movido por questões artísticas. Rogéria assim se definia em alguns momentos. Em outros, como a “travesti da família brasileira”. Fonte: <http://www.saude.ba.gov.br/atencao-a-saude/saude-de-todos-nos/saude-lgbt/glossario-lgbt/>. Acesso: 03 ago. 2021.

---

Astra (Associação das Travestis e Transexuais do Rio de Janeiro). Bárbara, sentada na plateia, responde que a sigla que representava a comunidade era aquela formada pelas letras LGBTTI – lésbicas, gays, transexuais, travestis e intersexuais. Fernanda Lima comenta, em tom de brincadeira, ser intersexual “uma palavra moderninha para hermafrodita” (AMOR & SEXO, 14 jul. 2011), este também termo que caiu em desuso como forma de designar aqueles e aquelas que têm concomitantemente os órgãos reprodutores de ambos os sexos ou que apresentam características sexuais reconhecidas como masculinas ou femininas.

Como elemento componente de um programa de entretenimento, o humor é evidenciado pelas interferências do ator Nelson Freitas, como no momento que ele diz que a sigla não pode se esquecer da letra S, que simboliza os simpatizantes das causas LGBTQIA+. A cada pergunta respondida na edição analisada, as convidadas e o convidado presentes lhe dão notas que variam de 5 a 0, no intuito de definir se o humorista poderia ser categorizado como “travadão” (aquele que não tolera diferenças), “travadinho ou tranquinho” (o que sabe respeitar a diversidade, mas que ainda dá uns “furos”) ou “superbambolê arco-íris” (o homem cis hetero que é completamente aberto).

O jurado e as duas juradas presentes se relacionam com a apresentadora Fernanda Lima, que representa, naquele contexto, um papel fundamental para o “Amor & Sexo”. É ela que, como também idealizadora e roteirista da atração, dá o tom dos debates, incorporando a função de mediadora ou provocadora das questões. Tanto Fernanda, quanto personalidades convidadas ao longo de todos os anos em que o “Amor & Sexo” esteve no ar, podem ser chamados de atores/atrizes discursivas que,

(...) são também mediadores, ou seja, são responsáveis pela expressão, concentrada e centralizada, de uma combinatória tonal, compreendendo a proposição, modulação, gradação dos tons que identificam o programa (DUARTE e CURVELLO, 2009, p. 63).

A partir do momento em que assume discursos contra a lesbohomotransfobia e a favor da identidade e representatividade, ao tocar no sexo como instância política (PRECIADO, 2011, p. 13), como elemento transformador do pensamento fundante heteronormativo tão presente em nossa sociedade, ao delimitar posturas a serem tomadas, o “Amor & Sexo” assume caráter informativo e interpelativo. Tal atributo pode ser refletido pelas discussões a respeito das múltiplas identidades que compõem a sigla LGBTQIA+, o que faz com que o produto reelabore sua característica primeira de entretenimento, ao dialogar e colocar em protagonismo outros tipos de sujeitos que, em geral, não têm espaço oficializado na televisão

---

aberta brasileira. Abre-se margem, deste modo, para o questionamento de enunciadores discursivos que compõem a atração.

(...) há uma instância enunciativa institucional, cujo enunciador é responsável institucionalmente pelas informações veiculadas [TV Globo]; há uma instância de realização, representada pelos sujeitos que fazem parte da equipe de produção/realização do programa (...); há uma instância discursiva, que pode conter enunciadores enunciados: são os atores discursivos, figuras de discurso que operam, no texto televisual, como apresentadores, animadores, âncoras, repórteres e/ou entrevistadores e que, no interior do programa, representam o papel de enunciadores (DUARTE e CURVELO, 2009, p.62).

A avaliação no presente artigo parte da participação no objeto de enunciadores, atores e atrizes discursivos trans e travestis com o objetivo de observar a mudança em seu tratamento enquanto fontes de informação e de fortalecimento da presença destes corpos na TV aberta brasileira.

### **3. Análise da Materialidade Audiovisual**

Como estratégia metodológica utilizada no presente artigo, a pesquisa é baseada em levantamento documental do acervo de episódios da atração e na análise da materialidade audiovisual para identificar os diferenciais do programa de entretenimento, objeto da pesquisa, e seu processo de produção. Os procedimentos iniciais valorizaram a dimensão textual, através da transcrição da componente verbal. Entretanto, observa-se que somente a análise textual torna a pesquisa incompleta, visto que o objeto proposto se trata de um produto audiovisual.

Aspectos elencados por Luiz Gonzaga Motta como “constantes da análise crítica da narrativa” – plano de expressão (discurso, linguagem), plano da estória (conteúdo) e plano da metanarrativa (tema, modelos de mundo) – se tornaram fundamentais para a análise (MOTTA, 2013, p. 136, apud COUTINHO 2018, p. 186). O enquadramento proposto na avaliação realizada neste artigo é a participação trans e travesti em três episódios do “Amor & Sexo”, com indicação, portanto, de “cenas, recursos narrativos e créditos de identificação” destes entrevistados (COUTINHO, 2012, p. 98).

Os materiais utilizados para realização de análise foram vídeos do programa, arquivados na GloboPlay, plataforma de *streaming* das Organizações Globo, cujo acesso se dá mediante assinatura, bem como material de divulgação da assessoria de imprensa da emissora, disponível no Portal GShow. Em relação às edições veiculadas do programa, datadas de 14 de julho de 2011, 2 de março de 2017 e 13 de novembro de 2018, recorre-se à Análise da

---

Materialidade Audiovisual (AMA) para reunião e processamento de dados, visto que tal procedimento “emerge como método possível para perscrutar o telejornalismo e outros gêneros a partir do enfrentamento do objeto em diálogo com os tensionamentos teóricos e epistemológicos de cada investigação” (COUTINHO, FALCÃO & MARTINS, 2019, p. 3).

A partir de ficha organizada de acordo com cada episódio destacado, busca-se apontar temáticas abordadas, fontes de informação, personagens, grupos sociais representados e apresentação de pontos de vistas diversos (COUTINHO, 2018, p. 184), bem como elementos cenográficos e disposição de convidadas, momentos de informação ou quadro geral de referência de mundo nos quais narradores/enunciadores se ancoram (2018, p. 186-187). Ou seja, a AMA propõe como objeto de avaliação a unidade “texto+som+imagem+tempo+edição” em toda a sua complexidade, de códigos, sentidos e símbolos” (2018, p. 187).

No episódio do dia 14 de julho de 2011, já está anotada a presença da atriz, cantora, humorista e apresentadora transformista Rogéria como convidada especial da atração, bem como do diretor Jorge Fernando, assumidamente gay. A sigla LGBTQIA+, portanto, está devidamente representada, ao menos por dois de seus componentes. Busca-se destrinchar, no entanto, a abordagem da temática a partir da observação da participação de Nelson Freitas ao comentar situações hipotéticas vividas por aquelas e aqueles que compõem a letra T da sigla LGBTQIA+.

Quando Lima pergunta a Freitas se ele fosse gay e seu namorado somente assumisse a posição de ativo nas relações sexuais, imediatamente o ator passa a representar, de forma estereotipada, um homem gay, conferindo um tom efeminado em sua voz e em seus trejeitos. Paradoxalmente, ao mesmo tempo, Nelson Freitas parabeniza à equipe de criação por “fazer um programa tão aberto, tão livre para discutir coisas que nós deveríamos estudar na escola” (AMOR & SEXO, 14 jul. 2011). De fato, como Michel Foucault aponta em aula inaugural realizada no Collège de France, datada de 1970, a sexualidade e a política são “as regiões onde a grade é mais cerrada” (1996, p. 9-10). Sexualidade deveria ser tema fundamental tratado na escola entre crianças.

Berger e Luckmann apontam para uma interpretação sobre a sexualidade ao se considerar que “sua imensa variedade e exuberante inventividade indicam que são produtos das formações socioculturais próprias do homem e não de uma natureza humana biologicamente fixa” (1985, p.73). Ao pensar o sexo como uma instituição, que atravessa tempo e espaço em cada cultura de forma particular, a sociedade impõem suas determinações

---

sobre as práticas sexuais aceitáveis e, conseqüentemente, “deixa espaços maiores ou menores para as ações não institucionalizadas” (1985, p.110). As práticas sexuais da comunidade LGBTQIA+ estariam inseridas nessas ações não institucionalizadas, de acordo com a ótica heteronormativa, que seria a “norma estabelecida ou pelo menos uma ocorrência calmamente aceita” (1985, p.73).

Os autores citam o exemplo de crianças que, desde cedo, aprendem, em seus processos de “socialização primária” (1985, p.173), que são homens ou mulheres. Um garoto, no entanto, pode interiorizar elementos femininos e isso lhe garantir um caráter efeminado. Passa a existir, portanto, uma espécie de assimetria entre sua identidade socialmente atribuída (homem) e sua identidade subjetivamente real, que é a base para o entendimento sobre gênero, que se difere das discussões acerca da sexualidade. Qual a dificuldade de indivíduos como esse? Criar seus próprios espaços, seus processos de socialização, uma nova possibilidade de “individualismo”. Todo o processo de formação social de um menino que interioriza elementos femininos abre a pergunta: “quem sou eu?” (1985, p.225).

Tal questionamento se relaciona com a representação do “eu” na vida cotidiana, com as análises de Erving Goffman sobre o papel das instituições sociais na construção de quem é ator ou atriz, atuante, em um determinado grupo social. Em Goffman, entende-se a representação como a atividade do sujeito que está diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência. Para isso, ele cria o que o autor chama de “fachada”, um equipamento expressivo empregado pelo indivíduo em sua representação social, que, em sua pessoalidade, se compõe de vestuário, sexo, idade, raça, altura, aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos (1985, p.29-31). Tais equipamentos concretizados e socialmente aceitos situam e inserem o indivíduo dentro de um grupo e lhe conferem identidade.

Por vezes, a abordagem nos programas televisivos era realizada exclusivamente através das lentes heterossexuais, como pode ser evidenciado pelo ator Nelson Freitas se colocando, hipoteticamente, no lugar de homens gays ou de uma transexual. E, também, pelo trecho em que Fernanda Lima tenta resumir a transexualidade:

(...) é quando corpo e mente não possuem o mesmo sexo. É um homem que nasce no corpo de mulher, uma mulher que nasce no corpo de homem. Tem transexual operado, tem transexual pré-operado, que ainda não operou. (AMOR & SEXO, 14 jul. 2011).

---

É neste momento que ela aciona, novamente, Bárbara Aires, que assume definitivamente seu lugar de fala<sup>7</sup> e a afirmação de sua identidade enquanto transexual:

Eu sou uma transexual pré-operação, porque transexual não é necessariamente só porque está operada. A operação é a parte final de todo um trajeto que você percorre. Você nasce transexual. Então, mesmo enquanto menino não transformado, eu já era transexual, porque minha cabeça já era feminina (AMOR & SEXO, 14 jul. 2011).

Novamente, Lima interpela Freitas. Ela lhe pergunta como o ator agiria se seu maior desejo fosse ter uma vagina no lugar de seu pênis e seu namorado resolvesse abandoná-lo por não aceitar o “corte” do membro sexual. Ao que Aires interfere e faz duas correções de ordem técnica:

Não se corta nada. Isso é uma lenda. Se transforma. O próprio pênis vira essa vagina. Ele é embutido, vira o canal vaginal, mantém-se a terminação nervosa, mantém-se um dos testículos, porque você tem que continuar produzindo testosterona, porque você, enquanto mulher, tem testosterona, que é o que te dá libido. Uma transexual, que não chegaria a uma operação, é o caso da Rogéria, que é travesti (AMOR & SEXO, 14 jul. 2011).

A apresentadora Fernanda Lima comenta: “clareou, ficou tudo tão simples”. Jorge Fernando brinca: “é só marcar a cirurgia”. Sabe-se que a redesignação de gênero não é um processo simples. Ela exige acompanhamento psicológico, por vezes é demorada e demanda longa energia do ou da solicitante para uma mudança como essa.

Quem também está presente na plateia é a ativista transgênero Indianarae Siqueira. Ela explica que transexuais e travestis representam identidades de gênero e não orientação sexual. Trans e travestis podem, inclusive, ser bissexuais, homossexuais ou heterossexuais. A identidade de gênero é “como você se identifica para a sociedade. Você se identifica com o sexo feminino, no caso das mulheres trans, que somos nós”. Juliana Paes comenta: “tô (sic) passada, tô aprendendo tanto. Essa menina falou tudo” (AMOR & SEXO, 14 jul. 2011). “Essa menina” é Indianarae Alves Siqueira, nascida em Paranaguá, no Paraná, e que, em 2010, se tornou conhecida ao pedir proteção na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro devido às ameaças de morte que vinha sofrendo por denunciar práticas de cafetinagem na capital fluminense<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Em seu livro “O que é lugar de fala?”, a filósofa, feminista negra e escritora Djamila Ribeiro, que inclusive foi membra da bancada de juradas do “Amor & Sexo” no ano de 2018, apresenta um panorama histórico sobre as vozes que foram historicamente caladas. “Lugar de fala” é uma expressão recorrente nas discussões contemporâneas sobre representatividade ao lançar o questionamento “quem tem mais chances de falar (e ser ouvido) na sociedade?”. No Brasil, grupos minoritários ocupam poucos espaços políticos, sendo conseqüentemente menos ouvidos. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/o-que-e-lugar-de-fala/>>. Acesso: 09 ago. 2021.

<sup>8</sup> “Indianara, peça de resistência ao avanço do totalitarismo, estreia no Brasil”. Disponível em: <<https://pt.org.br/indianara-peca-de-resistencia-ao-avanco-do-totalitarismo-estrela-no-brasil/>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

---

#### 4. Bicha preta e travesti: participações de Linn em 2017 e 2018

Em 2 de março de 2017, o “Amor & Sexo” apresenta um episódio totalmente voltado para a sigla LGBTQIA+. Ao longo de 55 minutos e 34 segundos, a temática é “Orgulho LGBT”. A edição destaca falas de mulheres trans, quatorze *drag queens*, três homens gays, três transexuais masculinos e sete lésbicas. O cenário é ornamentado com as cores da bandeira do arco-íris, símbolo, com seus sete matizes, das paradas de orgulho LGBTQIA+ que desfilaram por todo o mundo a partir dos anos 70. Convidades assumem seus lugares em duas bancadas<sup>9</sup>. Há uma bancada principal, onde estão, entre outros e outras, as cantoras trans Liniker e Raquel Virgínia e Assucena Assucena, do grupo As Bahias e a Cozinha Mineira. É para esta estrutura cenográfica frontal que Fernanda Lima se dirige a maior parte do tempo. Há também uma bancada lateral, onde se encontra, para além da *influencer* e *drag queen* Lorelay Fox e do jornalista e ativista gay André Fischer, a cantora, compositora, atriz e travesti Linn da Quebrada.

O primeiro momento de Linn da Quebrada se dá quando Lima pergunta quais dos atores e atrizes discursivos ali presentes se identificam enquanto travesti, “nascida com pênis, mas que transita na transgeneridade” (AMOR & SEXO, 2 mar. 2017). Linn explica que travesti é uma figura que está no território do feminino e que “tem muitas coisas que são parecidas nessa identidade com a identidade da mulher trans”, mas que os fatores que as diferem “são apenas alguns pontos sociais”. Ela pergunta à Fernanda Lima o que vem à sua cabeça quando se fala em travesti. A apresentadora responde: “prostituição”. Ela novamente indaga: “e quando falo mulher trans?”. Ao que a atriz Mariana Santos, presente na bancada principal, replica: “Roberta Close<sup>10</sup>”. Linn complementa o raciocínio no que diz respeito sobre a diferença entre mulheres trans e travestis:

Parece que as diferenças estão mais ligadas a fatores sociais, de um imaginário social. E de certa forma até econômica. Um termo médico, de uma certa forma mais asséptico, limpo. E um outro termo que é mais marginalizado (AMOR & SEXO, 2 mar. 2017).

Jacques Rancière, em “O desentendimento – política e filosofia”, destaca o termo política como o lugar onde acontece o dissenso, o desentendimento. Para o filósofo francês, o “comum” não é igual para todo mundo. Conclui-se, a partir da fala de Linn, que o comum

---

<sup>9</sup> A bancada é uma estrutura cenográfica física, presente na maior parte das edições veiculadas do programa, onde ficam localizados jurados, juradas e jurades, que são personagens fixes ou convidades responsáveis por comentar as discussões acerca das temáticas apresentadas a cada episódio.

<sup>10</sup> Roberta Close é uma ex-modelo brasileira, ganhadora do título Miss Brasil Gay no ano de 1981 e a primeira trans a posar nua para a revista Playboy no ano de 1984. Símbolo de beleza e feminilidade, representa perfeitamente o conceito de “passabilidade”, que é a capacidade de ser considerada membro de um grupo ou categoria identitária. No caso de Close, seus traços femininos lhe garantem passabilidade no grupo das mulheres. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberta\\_Close](https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberta_Close)>. Acesso: 05 ago. 2021.

---

para uma mulher trans “passável”<sup>11</sup> diante da sociedade não é o mesmo para uma travesti. O que interessa a Rancière é o desentendimento a partir da ideia de quem fala. “Quem fala” é uma questão política e por isso se torna “essencial insistir nas questões sobre as conceitualizações da realidade historicamente acessíveis do abstrato ‘O que?’ ao sociologicamente concreto ‘Quem diz?’” (BERGER e LUCKMAN, 1985, p. 157). A partir do momento em que uma travesti, preta, oriunda da periferia participa de forma mais efetiva da construção de narrativas do programa de TV em estudo, “quem fala” ou “quem diz” se torna uma questão, traçando um paralelo com Paul B. Preciado, “sexopolítica” (2011, p. 13). O que acarreta na comunicação, ao menos pontualmente, como elemento multirreferencial, visto que as discussões são expandidas para outros sentidos, outros espaços, outras perspectivas, outros corpos. Ao se denominar uma “bicha preta, periférica, travesti e transviada”, Linn da Quebrada assume que esta “é uma luta política e de usar o corpo como arma” (AMOR & SEXO, 2 mar. 2017). Ela, então, canta a música “Bixa Preta”, gravada em 2016 e que contém versos como “Que eu sou uma bixa louca, preta, favelada / Quicando eu vou passar / E ninguém mais vai dar risada”.

Naquele momento, um corpo travesti está presente no palco do “Amor & Sexo” como protagonista, devidamente nomeado, possibilitando como resultado comunicacional o que Berger e Luckmann descrevem como “um intercâmbio contínuo entre a minha expressividade e a dela” (1985, p. 47). O intercâmbio se dá entre o universo heterossexual e todos aqueles e aquelas que compõem a sigla LGBTQIA+ com a travesti, preta, vinda da favela, em sua devida potencialidade de fala e presença, ali introduzida e em manifestação. Tal ato pode ser associado àqueles descritos por Pierre Bourdieu como tipicamente mágicos. É através dele que um grupo ignorado ou negado se torna visível, “manifesto para os outros grupos e para ele próprio, atestando assim a sua existência como grupo conhecido e reconhecido, que aspira à institucionalização” (1989, p. 118). O autor afirma que o mundo social é também representação e vontade e, sob essa perspectiva, a mídia deve procurar o exercício pleno de seu papel na divulgação de outras realidades e construções sociais – e representações de gênero e sexualidade – possíveis.

Novamente convidada para participar da atração, em episódio datado de 13 de novembro de 2018, Linn da Quebrada está acompanhada, desta vez, por sua ex-companheira

---

<sup>11</sup> Passabilidade é a capacidade de uma pessoa ser considerada membro de um grupo ou categoria identitária diferente da sua, que pode incluir identidade racial, etnia, casta, classe social, orientação sexual, gênero, religião, idade e/ou status de incapacidade. Ser passável pode resultar em privilégios, recompensas ou um aumento na aceitação social ou ser usada para lidar com o estigma. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Passabilidade>>. Acesso: 10 ago. 2021.

musical Jup do Bairro, que compôs a banda de Linn por três anos como sua *backing vocal* e que colaborou para a criação do disco “Pajubá”, de 2017. A temática do “Amor & Sexo” nesta data é “Corpo”. Linn e Jup estão sentadas na bancada principal do programa e, além delas, está presente a transexual, feminista, escritora e professora de literatura Amara Moira, que, em determinado momento, diz que “um corpo não é um corpo somente”, em complemento a frase anterior de Jup de Bairro: “o nosso corpo é a nossa maior arma de manifesto” (AMOR & SEXO, 13 nov. 2018).

Fernanda Lima destaca que “o Brasil é o país que mais consome pornografia com pessoas trans e, ao mesmo tempo, é o país que mais mata pessoas LGBT no mundo” (AMOR & SEXO, 13 nov. 2018). Ao que Linn salienta que, muitas vezes, a causa para tantas mortes de travestis e pessoas trans ocorre pela falta de coragem dos homens em assumir o desejo que sentem:

Na real, o que estamos lutando é pelo direito do nosso corpo, o direito de eu decidir o que eu vou fazer pelo meu corpo. E nisso ter a minha dignidade e a minha humanidade garantida. Mas quando uma pessoa assume que sente desejo, afeto e ama uma travesti, ela também coloca a sua humanidade em risco, porque ela também será julgada por todas as outras e arrisca perder a sua humanidade (AMOR & SEXO, 13 nov. 2018).

Linn, Jup do Bairro e Amara Moira são corpos presentes em um episódio composto, em sua maioria, por atores discursivos heterossexuais. Linn da Quebrada é a artista convidada novamente para participar da atração exibida pela TV Globo, emissora aberta, que, guardadas as devidas precauções devido à sua instância enunciativa institucional, naqueles dois momentos, em 2017 e 2018, abria espaço para a discussão sobre corpos travestis, “corpos que são livres, nunca prisões”.

## 5. Conclusão

As análises propostas neste artigo apontam elementos que denotam a invisibilização da comunidade formada por trans e travestis em episódio do programa “Amor & Sexo” datado de 2011. Bárbara Aires e Indianarae Siqueira sequer são nomeadas pela apresentadora Fernanda Lima ou creditadas pela edição do programa. Ambas estão sentadas na primeira fila da plateia, um ao lado da outra, o que, fazendo uso da análise da materialidade visual, infere que ambas não podem ser consideradas espectadoras comuns. Supostamente, Fernanda Lima as interpela, ocasionalmente, para explicar transgeneridade e transexualidade para o público presente e para telespectadores que assistiam àquela edição veiculada. Porém, tanto Indianarae quando Bárbara já eram figuras públicas e muito possivelmente foram convidadas

---

pela produção da atração para estar na plateia. A ausência de elementos que nomeiem as duas entrevistadas é um dos pontos negativos na construção deste episódio. Afinal de contas, são elas as enunciadoras de conteúdo que contribuem para o caráter informativo e interpelativo que o programa se propõe com o quadro “Vai ter que rebolar”.

No entanto, torna-se importante considerar que, em 2011, as discussões em torno das temáticas LGBTQIA+ ainda se encontravam em avanço no Brasil. É de 2011, por exemplo, a tradução para o português do artigo “Multidões *queer*: notas para uma política dos ‘anormais’”, de Paul B. Preciado (à época, ainda não transicionado, Beatriz Preciado). É neste trabalho que o filósofo e escritor feminista destaca que o conceito de gênero é, antes de tudo, uma noção sexopolítica. Talvez, a tomada de consciência sobre a importância da presença devidamente nomeada de corpos trans e travestis em um programa de televisão só tenha acontecido alguns anos mais tarde, como pode-se observar nas edições em que Linn da Quebrada é destacada.

Quando o “Amor & Sexo” toma uma atitude política ao colocar em evidência personagens trans e travestis, em todas as suas potencialidades artísticas e discursivas sexopolíticas, ele se torna um palco possível para múltiplas existências. Ao retirar as falas sobre corpos trans e travestis da boca de atores e atrizes discursivo(a)s heterossexuais, como o humorista Nelson Freitas e a própria apresentadora Fernanda Lima, a atração possibilita a recirculação da informação, a não replicação dos construtos heteronormativos. Afinal de contas, como um produto inserido em uma mídia atravessada o tempo todo por outras instituições e campos sociais, sua criação deve estar em acordo com as pautas contemporâneas e, sobretudo, com a forma como tais discussões serão apresentadas. Conclui-se que, a partir da observação conjunta dos episódios de 2017 e 2018, em comparação com àquele veiculado no ano de 2011, há uma mudança no perfil de atores e atrizes discursivas protagonistas dos debates LGBTQIA+. “Quem fala” ganha a devida importância nas narrativas construídas pelo programa em seus dois últimos anos de existência. Linn da Quebrada é a personagem destacada no presente artigo, porém buscou-se apontar outras figuras que pudessem exemplificar a mudança promovida pela equipe de criação do programa “Amor & Sexo”.

Em diálogo com Descola (2016), tal “trans-formação”, ou “trans-formatação” do conteúdo apresentado contém soluções para a reelaboração do “Amor & Sexo” como um palco possível para múltiplas existências. Uma vez que a maior parte dos programas de TV são criados por homens (em sua maioria, brancos e heterossexuais), há de se fomentar outros

---

espaços. Quando a TV aberta brasileira, por meios do “Amor & Sexo”, abre suas portas para a comunidade também formada por lésbicas, gays, *queers*, intersexos, agêneros, assexuados, outros, outras e outres, emergem formas novas de (con)viver e garantir representatividade midiática para tais indivíduos. O que, considerando a importância da televisão no hábito dos brasileiros, é fundamental para a construção de novos processos comunicacionais e, consequentemente, uma nova realidade social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**AMOR & SEXO.** Roteiro final: Rafael Dragaud. Dir.: Ricardo Waddington. 14 jul. 2011. Disponível em <https://globoplay.globo.com/amor-sexo/t/dXKDGfsMkK/>. Acessos em: 20 e 21 jul. 2021.

**AMOR & SEXO.** Roteiro final: Antonio Amancio. Dir.: Daniela Gleiser. 2 mar. 2017. 11 nov. 2018. Disponível em <https://globoplay.globo.com/amor-sexo/t/dXKDGfsMkK/>. Acessos em: 22 e 23 jul. 2021.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção da realidade:** Tratado de Sociologia do Conhecimento. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1985.

COUTINHO, Iluska. **Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual** – Da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In: Cárlica Emerim; Iluska Coutinho; Cristiane Finger. (Org.). **Epistemologias do Telejornalismo Brasileiro.** 1ed. Florianópolis: Insular, 2018, v. 7, p. 175-194.

COUTINHO, Iluska; FALCÃO, Luiz Felipe; MARTINS, Simone. (2019, 2-7 de setembro) **Dos eixos à análise da materialidade:** o audiovisual observado, compreendido e experimentado em toda sua complexidade [apresentação]. XLII Congresso Brasileiro de Ciências da Computação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Belém, Brasil. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2135-1.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas.** Trad. Cecília Ciscato. São Paulo, Ed. 34, 2016.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CURVELLO, Vanessa. **Telejornais:** quem dá o tom? In: GOMES, Itania Maria Mota. **Televisão e Realidade.** Salvador, Edufba, 2009. p. 61-74. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1048/1/Televis%C3%A3o%20e%20Realidade.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

NELSON Freitas é convidado de novo quadro programa, no ar 14/07. **Amor & Sexo** – 2ª e 3ª temporadas, 2011. Disponível em: <<https://imprensa.globo.com/programas/amor-sexo-2a-e-3a-temporada/fotos/>>. Acessos em: 20 e 21 jul. 2021.

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer**: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, Scielo Brasil, 2011. 19(1), p. 11-20, janeiro-abril 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/yvLQcj4mxkL9kr9RMhxHdwk/?lang=pt>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento** – Política e Filosofia. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo, Ed.34, 1996.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo, 2006.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo, Summus, 2004.